

Análise Psicométrica das Escalas de Defensividade e Validade do Weinberger Adjustment Inventory

Psychometric Analysis of the Defensiveness and Validity Scales of the Weinberger Adjustment Inventory

Pedro Pechorro¹, Cristina Nunes², Mauro Paulino³ e Mário R. Simões⁴

Resumo

O presente artigo tem como principal objetivo examinar as propriedades psicométricas das escalas de defensividade e de validade do Inventário de Ajustamento de Weinberger (*Weinberger Adjustment Inventory* - WAI) numa amostra de jovens adultos portugueses ($N=610$, $M=21.33$ anos, $DP=3.09$) provenientes de meio universitário. Os resultados da análise fatorial confirmatória indicaram a presença de uma estrutura tridimensional com um bom ajustamento. As escalas de defensividade e de validade do WAI demonstraram propriedades psicométricas adequadas, nomeadamente ao nível de fiabilidade e de validade convergente, discriminante e de critério. Tais resultados apoiam a utilização das escalas de defensividade e validade do WAI na investigação e avaliação psicológica de jovens adultos portugueses.

Palavras-chave: Inventário de Ajustamento de Weinberger – WAI, avaliação, defensividade, validação, validade

Abstract

The main objective of this article is to examine the psychometric properties of the defensiveness and validity scales of the Weinberger Adjustment Inventory (WAI) in a sample of young Portuguese adults ($N=610$, $M=21.33$ years, $SD=3.09$) from a university background. The results of the confirmatory factor analysis indicated the presence of a three-dimensional structure with a good fit. The defensiveness and validity scales of the WAI demonstrated adequate psychometric properties, namely at the level of reliability and convergent, discriminant, and criterion validity. Such results support the use of the WAI defensiveness and validity scales in the research and psychological assessment of Portuguese young adults.

Keywords: Weinberger Adjustment Inventory – WAI, assessment, defensiveness, validation, validity

¹PhD. Universidade de Coimbra. Centro de Investigação em Neuropsicologia e Intervenções Cognitivo-Comportamentais (CINEICC). PsyAssessmentLab, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Universidade de Coimbra. Rua do Colégio Novo, 3000-115 Coimbra, Portugal. Tel.: 239851450. Centro de Investigação em Psicologia (CIP), Universidade do Algarve. Campus de Gambelas, Edifício 9, 8005-139 Faro, Portugal. E-mail: ppechorro@gmail.com

²PhD. Centro de Investigação em Psicologia (CIP), Universidade do Algarve. Campus de Gambelas, Edifício 9, 8005-139 Faro, Portugal. Tel.: 289244406. E-mail: csnunes@ualg.pt

³MSc. Universidade de Coimbra. Centro de Investigação em Neuropsicologia e Intervenções Cognitivo-Comportamentais (CINEICC). PsyAssessmentLab, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Universidade de Coimbra. Rua do Colégio Novo, 3000-115 Coimbra, Portugal. Tel.: 239851450. E-mail: mpaulino_psic@yahoo.com

⁴PhD. Universidade de Coimbra. Centro de Investigação em Neuropsicologia e Intervenções Cognitivo-Comportamentais (CINEICC). PsyAssessmentLab, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Universidade de Coimbra. Rua do Colégio Novo, 3000-115 Coimbra, Portugal. Tel.: 239851450. E-mail: simoesmr@fpce.uc.pt

Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica. RIDEP · Nº67 · Vol.1 · 47-58 · 2023

ISSN: 1135-3848 print /2183-6051online

This work is licensed under CC BY-NC 4.0. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Introdução

A defensividade (*defensiveness*) é considerada um estilo de resposta socialmente desejável, uma estratégia de coping e até mesmo um estilo de coping ou traço de personalidade (Furnham et al., 2002; Weinberger & Schwartz, 1990). É caracterizada pela tendência sistemática de evitar o processamento de qualquer tipo de informação que represente uma ameaça ao sujeito, por meio da rejeição ou negação de qualquer tipo de informação ou estímulo com conteúdo emocional negativo ou sinais de angústia, por exemplo, ansiedade e raiva (Jamner et al., 1991). Esse comportamento de evitamento é atribuído a uma grande necessidade de aprovação social e ao desejo de causar uma boa impressão nos outros. Em termos gerais, a defensividade ou desejabilidade social é caracterizada por um comportamento de evitamento sistemático de informações ameaçadoras cujo controlo, consciente ou não, pelo sujeito é uma questão que ainda não foi resolvida (Singer, 1990).

Vários estudos mostraram uma associação entre a defensividade e problemas de saúde física, incluindo doenças cardíacas e cancro. A defensividade repressiva prediz uma pressão arterial elevada em mulheres (Nyklíček et al., 1999) e está relacionada com níveis elevados de distresse entre sobreviventes de cancro (Baziliansky & Cohen, 2021). No entanto, os indivíduos que utilizam estratégias de *coping* defensivas podem ser eficazes em assumir comportamentos de saúde que percebem como estando sob seu controlo, como por exemplo o controlo da asma, da diabetes e cuidado odontológico (Myers, 2010; Myers et al., 2008). Parece que os indivíduos repressores são mais eficazes em comportamentos de autocuidado e são menos eficazes quando os comportamentos não estão sob o seu controlo (Saeedi et al., 2020). Estes resultados sugerem que as relações entre defensividade e saúde são mais complexas do que inicialmente se pensava e que estudos futuros devem continuar esta linha de investigação.

Nas últimas quatro décadas, as investigações sobre a defensividade concluíram que esta ocorre principalmente como um meio de preservar a autoimagem que depende da manutenção de uma autoavaliação positiva (Weinberger & Schwartz, 1990) e é principalmente motivada pelo desejo de

proteger a integridade ou a autoestima (Canedo Andrés et al., 2019; Sherman & Cohen, 2002). Por exemplo, Mohiyeddini (2017) mostrou que os indivíduos repressores, em comparação com os não repressores, relataram níveis mais baixos de preocupação com a imagem corporal, desejo de magreza e sintomas bulímicos, ao mesmo tempo que exibiam um uso mais elevado de aceitação racional positiva.

O estudo sobre as diferenças individuais na defensividade tem originado o desenvolvimento de vários instrumentos de medida. São exemplos, a *Byrne Repression-Sensitization Scale* (Byrne, 1961), a *Monitoring and Blunting Scale* (Miller, 1987), o *Self-Deception Questionnaire* (Sackeim & Gur, 1979), o *Paulhus's Self-Deception Questionnaire* (Paulhus & Reid, 1991), o *Defensive Style Questionnaire* (Bond et al., 1983; Segal et al., 2007), o *Defense Mechanisms Inventory* (Ihlevich & Gleser, 1969, 1986) ou o *Weinberger Adjustment Inventory* (Weinberger & Schwartz, 1990). Num estudo que comparou a utilidade prática destas medidas, Turvey e Salovey (1994) concluíram que este último inventário era a medida psicometricamente mais sólida de repressão disposicional.

O Inventário de Ajustamento de Weinberger (*Weinberger Adjustment Inventory* - WAI) foi concebido por Weinberger e Schwartz (1990), para avaliar de forma válida e fiável o ajustamento sócio emocional, nomeadamente a capacidade do indivíduo de tolerar o sofrimento subjetivo e de se acomodar às exigências da realidade externa. O WAI consiste em 84 itens agrupados em duas grandes dimensões, compostas por subescalas, nomeadamente: Aflição [*Distress* - DSS] (Ansiedade [*Anxiety* - ANX], Depressão [*Depression* - DEP], Baixa Autoestima [*Low Self-Esteem* - LSE], Baixo Bem-estar [*Low Well-Being* - LWB]) e Contenção [*Restraint* - RST] (Supressão da Agressão [*Suppression of Aggression* - SOA], Controlo de Impulsos [*Impulse Control* - IMC], Consideração pelos Outros [*Consideration of Others* - COO], Responsabilidade [*Responsibility* - RES]), e adicionalmente em duas escalas de Defensividade (Defensividade Repressiva [*Repressive Defensiveness* - RD], Negação de Aflição [*Denial of Distress* - DD]) e uma escala de Validade (*Validity* - VAL), que podem ser agrupadas numa dimensão adicional. O inventário

também está disponível numa versão curta (WAI-SF) com 37 itens (WAI Scoring Manual, 2012).

As escalas de defensividade / validade podem ser opcionalmente utilizadas na versão integral do WAI ou na versão curta, de forma conjunta ou separada. São portanto escalas autónomas que podem ser acopladas a qualquer das duas versões do WAI ou a qualquer outro questionário. A duas escalas de Defensividade, nomeadamente, Negação de Aflição, que se refere à defensividade sobre experiências normativas de angústia, e Defensividade Repressiva, que se refere a alegações de contenção quase absoluta, são compostas por 11 itens cada. A escala de Validade é composta por três itens, sendo que uma pontuação igual ou superior a 11 nesta escala é indicadora de um protocolo válido. De salientar que, na maioria da literatura publicada sobre o inventário, geralmente as escalas de defensividade e validade não são objeto de análise psicométrica ou sequer incluídas nos processos de validação.

Existem várias validações e adaptações culturais do WAI/WAI-SF. A versão francesa do WAI (Paget et al., 2010) foi validada em uma amostra da população geral ($N=159$), através de uma análise de componentes principais. A estrutura encontrada foi semelhante à original, apesar de a subescala Consideração pelos Outros não ajustar na escala de Contenção. As subescalas apresentaram índices de fiabilidade entre .65 a .85. A escala Aflição apresentou correlações positivas com alexitimia, ansiedade e depressão, enquanto as escalas de Contenção e Defensividade apresentaram correlações negativas com alexitimia, ansiedade e depressão. A adaptação feita no México, em língua espanhola, foi realizada com uma amostra de 452 sujeitos no estado de Veracruz (Romo-González et al., 2014) e os três fatores obtiveram uma consistência interna superior a .85 e fiabilidade superior a .70 por meio do teste-reteste. No Irão, Saedi et al. (2016) validaram a versão curta do WAI com uma amostra de 230 estudantes, encontrando uma estrutura de três fatores embora com um ajustamento total medíocre (RMSEA=.08, CFI=.85, e IFI=.85); no entanto, obtiveram uma validade convergente e discriminante adequada.

Em Portugal, Pechorro, DeLisi et al. (no prelo) e Pechorro, Shircliff et al., (no prelo) validaram a versão original e a versão curta do WAI numa

amostra de estudantes universitários ($N=610$). Os resultados indicaram que tanto os modelos intercorrelacionados de quatro fatores quanto os modelos de segunda ordem das escalas de Aflição e de Contenção apresentaram bons ajustamentos. As escalas de Aflição e Contenção correlacionaram-se de forma negativa e significativa conforme esperado, e as intercorrelações entre as subescalas de cada escala variaram de forma moderada a alta. Adicionalmente mostraram correlações distintas com outras medidas (e.g., psicopatia) e variáveis (e.g., uso de drogas). A fiabilidade em termos de alfa de Cronbach e coeficiente Omega obteve valores de moderados a altos. Adicionalmente, foi demonstrada invariância de medida em termos de sexo. De salientar que as escalas de defensividade e de validade não foram incluídas de forma a serem examinadas de forma autónoma neste processo de validação portuguesa.

Para além destes estudos de validação, outros têm mostrado resultados psicométricos consistentes e associações entre a escala de Aflição com problemas de internalização (Blagov & Singer, 2004; Moilanen, 2007; Weinberger & Schwartz, 1990) e a escala de Contenção com problemas de externalização (DeLisi et al., 2010; Vaughn et al., 2011; Weinberger & Schwartz, 1990).

O principal objetivo deste estudo consistiu em analisar as propriedades psicométricas das escalas de defensividade e validade do WAI numa amostra de jovens adultos portugueses. Pretendemos analisar 1) se será confirmada a estrutura de três fatores composta por RD, DD e VAL; 2) se será demonstrada adequada consistência interna por alfa de Cronbach e coeficiente Omega; e 3) se será demonstrada adequada validade convergente, discriminante e de critério.

Método

Participantes

Uma amostra de 610 estudantes universitários ($M=21.33$ anos, $DP=3.09$, amplitude=18-37) participaram voluntariamente no presente estudo. Esta amostra de conveniência foi composta por mulheres ($n=392$, $M=21.21$ anos, $DP=3.08$, amplitude=18-37) e por homens ($n=218$, $M=21.55$ anos, $DP=3.10$, amplitude=18-37) sem diferenças

significativas em termos de idade ($F=1.708$, $p=.19$). A amostra foi recolhida entre estudantes universitários da Universidade do Minho, no campus de Gualtar, em Braga. Os participantes eram maioritariamente portugueses (97.1%) e brasileiros (2.1%).

Medidas

Inventário de Ajustamento de Weinberger (WAI; Weinberger, 1991; Weinberger & Schwartz, 1990). O WAI é um inventário multidimensional em formato de autorrelato que mede o ajustamento (total de 84 itens); a versão mais curta, o WAI-Short Form (WAI-SF), possui a mesma estrutura multidimensional do WAI original, mas com menos itens (total de 37 itens). As propriedades psicométricas do inventário foram examinadas na comunidade, populações forenses e clínicas. Pode ser usado numa ampla gama de idades se os indivíduos lerem aproximadamente ao nível de quarto ano de escolaridade ou acima dele. O WAI e WAI-SF são compostos por duas dimensões primárias: Aflição (que inclui as quatro subescalas Ansiedade, Depressão, Baixa Autoestima e Baixo Bem-Estar) e Contenção (que inclui as quatro subescalas Controlo de Impulso, Supressão de Agressão, Consideração pelos Outros e Responsabilidade). As subescalas também podem ser usadas separadamente para avaliar o construto particular de interesse (por exemplo, depressão). Além disso, existem duas escalas de Defensividade, nomeadamente, Negação de Aflição, que se refere à defensividade sobre experiências normativas de angústia, e Defensividade Repressiva, que se refere a alegações de contenção quase absoluta, que também podem ser usadas separadamente, e uma escala de Validade, que podem ser agrupadas numa dimensão adicional. Todos os itens do WAI no estudo atual mantiveram o formato ordinal *Likert* de 5 pontos (de 1=*Falso / Quase nunca*, a 5=*Verdadeiro / Quase sempre*). As pontuações das subescalas são obtidas somando os respetivos itens (após reversão dos itens reversíveis) e as pontuações das escalas totais também podem ser usadas. Uma prevalência elevada do construto medido (por exemplo, ansiedade) é refletida em pontuações mais altas. Os valores de fiabilidade relatados anteriormente para as escalas *Distress* e *Restraint* variaram de .86 a .89 e de .78 a .84,

respetivamente. A tradução portuguesa do inventário composta por 84 itens foi utilizada no presente estudo (Pechorro, Shircliff et al., no prelo), da qual pode ser derivada a versão curta composta por 37 itens (ver Pechorro, DeLisi et al., no prelo). Os valores de fiabilidade para as escalas de Defensividade e Validade no presente estudo são fornecidos abaixo na seção de Resultados.

Escala de Baixo Autocontrolo (LSCS; Grasmick et al., 1993). A LSCS é uma medida de autorrelato projetada para medir o baixo autocontrolo. Com um total de 23 itens. Todos os itens da LSCS, no estudo atual, utilizaram formato *Likert* de 4 pontos (de 1=*Discordo totalmente*, a 4=*Concordo totalmente*). A pontuação total é obtida somando os itens. Pontuações mais altas indicam níveis elevados de baixo autocontrolo. A versão portuguesa da LSCS foi utilizada no presente estudo (Pechorro, DeLisi et al., no prelo), sendo a fiabilidade $\alpha=.86$.

Escala de Respostas Socialmente Desejáveis – 5 (SDRS-5; Hays et al., 1989). Esta é uma medida de autorrelato projetada para avaliar as respostas socialmente desejáveis. Os cinco itens que compõem o SDRS-5 originaram-se do pool de itens do formulário A do Marlowe–Crowne. Todos os itens do SDRS-5, no estudo atual, utilizaram formato *Likert* de 5 pontos (de 1=*Discordo totalmente*, a 5=*Concordo totalmente*). A pontuação total é obtida somando os itens, após a reversão dos itens apropriados. A versão portuguesa do SDRD-5 foi utilizada no presente estudo (Pechorro et al., 2016; Pechorro et al., 2019), sendo a fiabilidade $\alpha=.64$.

Classificação Geral de Gravidade da Delinquência (GDSC; Loeber et al., 1998). Este índice, adaptado à realidade portuguesa, foi utilizado em formato de autorrelato para classificar os eventuais comportamentos delituosos relatados pelos participantes. As pontuações no GDSC variam entre 0=Nenhum ato de delinquência relatado, e 5=Dois ou mais atos de delinquência grave relatados – por exemplo, ofensas à integridade física.

Um questionário demográfico desenhado para examinar as características sociodemográficas (e.g., nacionalidade, sexo, idade) foi utilizado para complementar as medidas psicométricas descritas acima. Este questionário também incluiu um conjunto de questões sobre uso de substâncias,

nomeadamente tabaco, cannabis e heroína/cocaína, durante os últimos 12 meses, em formato Likert de 5 pontos (de 0=Quase nunca/nunca, a 4=Quase sempre/sempr).

Procedimentos

Foi solicitada autorização ao autor do WAI (Weinberger, 1991) para traduzir e utilizar o instrumento em Portugal. Durante o processo de tradução e adaptação do inventário seguiram-se recomendações estabelecidas internacionalmente (Hambleton et al., & Spielberger, 2005). O primeiro autor deste artigo efetuou a tradução. De seguida, um tradutor bilingue com experiência fez a respetiva retroversão para inglês, que foi então comparada com o instrumento original. Posteriormente foi realizado um pré-teste para analisar a qualidade da tradução, detetar problemas eventuais problemas e aperfeiçoar a linguagem de forma a torná-la mais facilmente entendível. Desta forma, chegou-se à versão final do inventário (para mais detalhes ver Pechorro, DeLisi et al., no prelo e Pechorro, Shircliff et al., no prelo).

A recolha dos questionários decorreu na Universidade do Minho após se ter obtido autorização por parte do comité de Ética. A aplicação decorreu online após ter sido enviado um *link* para o email institucional dos eventuais participantes do sexo masculino ou feminino, nomeadamente estudantes universitários da Universidade do Minho, no campus de Gualtar, em Braga. Nesse *link* constavam as questões sociodemográficas e os instrumentos psicométricos utilizados, a que os participantes deveriam responder. Foram excluídos os participantes que estavam fora do intervalo etário estabelecido de 18-39 anos, que não eram falantes de português como primeira língua ou que deixaram questionários incompletos. A exclusão de participantes fora deste intervalo etário justifica-se pelo facto de o presente estudo se pretender centrar em jovens adultos provenientes de contexto universitário.

Os *softwares* SPSS v28 (IBM SPSS, 2021) e EQS 6.4 (Bentler & Wu, 2015) foram utilizados para inserir e analisar os dados. Foram utilizados testes de qui-quadrado e ANOVAs para comparar os grupos de homens e mulheres. Foram utilizadas correlações Pearson para analisar as associações entre as variáveis métricas que apresentaram

distribuições aproximadamente normais utilizando critérios de assimetria e de curtose (Leech et al., 2015; Maroco, 2021). Em termos de magnitude de correlações, consideraram-se correlações fracas as correlações entre 0 e .20, correlações moderadas entre .20 e .50, e correlações fortes acima de .50 (Ferguson, 2009; Lipsey, 1998). A fiabilidade/consistência interna por alfa de Cronbach e Omega foi considerada marginalmente aceitável se entre .60 e .69, aceitável se entre .70 e .79 e boa se acima de .80 (Hayes & Coutts, 2020; Nunnally, & Bernstein, 1994). As médias das correlações inter-item (MCII) foram consideradas adequadas se entre .15 e .50, enquanto as correlações item-total corrigidas (ACITC) foram tidas como adequadas se acima de .30 (Clark & Watson, 2019; Nunnally & Bernstein, 1994).

A análise da estrutura fatorial foi efetuada no *software* EQS. Os índices de ajustamento calculados incluíram: Qui-quadrado de Satorra-Bentler/graus de liberdade, CFI (*Comparative Fit Index* – Índice de ajustamento comparativo), IFI (*Incremental Fit Index* – Índice de ajustamento incremental), RMSEA (*Root Mean Square Error of Approximation* – Raiz quadrada do erro médio de aproximação). Um valor de qui-quadrado/graus de liberdade <5 é considerado adequado, se ≤ 2 é considerado bom e se $=1$ é considerado muito bom (Maroco, 2021; West et al., 2012). Valores $CFI \geq .90$ e $RMSEA < .08$ indicam ajustamento adequado; valores de $CFI \geq .95$ e $RMSEA \leq .06$ indicam um ajustamento bom (Byrne, 2006). Um valor de $IFI \geq .90$ é considerado aceitável. Não foram considerados índices de modificação para melhorar o ajustamento do modelo caso necessário. A CFA foi efetuada diretamente nos itens utilizando valores de cargas fatoriais $\geq .30$. Foram testados vários modelos: um modelo de um fator em que todos os itens saturam num único fator latente, um modelo de três fatores interrelacionados em que os itens saturam nos respetivos fatores e um modelo de três fatores com um fator hierárquico superior de segunda ordem. Em todos os modelos testados o Coeficiente de Mardia situou-se acima de 5, indicando uma distribuição não normal, pelo que se optou pela utilização de matriz de correlações com métodos de estimação robustos nos itens ordinais dado que proporcionam melhores resultados (Byrne, 2006).

Tabela 1. Estatísticas descritivas dos itens das escalas de defensividade e validade do WAI

Itens	Média	DP	Mínimo	Máximo	Assimetria	Curtose
RD						
2.	2.37	1.00	1	5	.67	.05
11.	3.03	1.13	1	5	.14	-.95
12.	4.34	1.05	1	5	-1.50	1.18
16.	2.63	1.28	1	5	.43	-.95
25.	3.42	1.28	1	5	-.18	-1.23
29.	3.82	1.18	1	5	-.61	-.88
30.	3.92	1.16	1	5	-.69	-.77
37.	3.12	1.34	1	5	.07	-1.29
39.	3.48	1.24	1	5	-.20	-1.20
40.	3.57	1.26	1	5	-.36	-1.09
43.	3.62	1.17	1	5	-.37	-.98
DD						
6.	2.90	1.33	1	5	.20	-1.15
10.	2.36	1.28	1	5	.70	-.60
18.	2.32	1.26	1	5	.83	-.32
23.	2.60	1.20	1	5	.41	-.68
24.	3.17	1.28	1	5	-.01	-1.14
31.	2.60	1.24	1	5	.56	-.64
41.	3.53	1.23	1	5	-.40	-.92
52.	2.72	1.28	1	5	.40	-.87
61.	2.83	1.21	1	5	.29	-.92
75.	2.09	1.08	1	5	1.24	1.16
76.	2.26	1.16	1	5	.83	-.07
VAL						
13.	4.78	.66	1	5	-3.58	13.97
32.	4.64	.73	1	5	-2.51	7.20
45.	4.72	.75	1	5	-3.11	10.04

Nota. WAI=Inventário de Ajustamento de Weinberger; RD=Defensividade Repressiva; DD=Negação de Aflição; VAL=Validade

Tabela 2. Índices de ajustamento das escalas de defensividade e validade do WAI

	$SB\chi^2/df$	IFI	CFI	RMSEA (90% C.I.)	AIC
1-fator	4243.16 / 299	.81	.81	.15(.14-.15)	3645.16
3-fatores	1225.25 / 272	.94	.94	.08(.07-.08)	681.25
3-fatores 2ª ordem	1060.76 / 271	.84	.83	.07(.07-.07)	518.76

Nota. WAI=Inventário de Ajustamento de Weinberger; $SB\chi^2/df$ =qui-quadrado de Satorra-Bentler/graus de liberdade; IFI=Índice de ajustamento incremental; CFI=Índice de ajustamento comparativo; RMSEA (90% CI)=Raiz quadrada do erro médio de aproximação (intervalo de confiança a 90%)

Tabela 3. Saturações estandardizadas das escalas de defensividade e validade do WAI

Itens	Cargas
RD	
2. Por vezes disse que ia fazer uma coisa, mas acabei por fazer outra diferente.	.43
11. Por vezes não faço alguma coisa que me pediram para fazer.	.47
12. Por vezes zinguei-me tanto com uma pessoa que só me apetecia magoá-la.	.40
16. Fiz coisas erradas das quais me arrependi mais tarde.	.57
25. Por vezes finjo que sei mais sobre algumas coisas do que na realidade sei.	.64
29. De vez em quando falo mal das pessoas nas costas delas.	.57
30. De vez em quando acontece quebrar uma promessa que fiz.	.64
37. Algumas vezes não acabei alguma coisa porque passei muito tempo na brincadeira.	.50
39. Algumas vezes não informei certas pessoas de alguma coisa que fiz mal.	.71
40. Por vezes sou desagradável para as pessoas de quem não gosto.	.51
43. De vez em quando digo coisas que não são completamente verdade.	.69
DD	
6. Já me tem acontecido não ficar muito orgulhoso da forma como fiz alguma coisa.	.59
10. Neste último ano aconteceram algumas coisas que me deixaram infeliz.	.67
18. Consigo lembrar-me de ocasiões em que não me senti muito bem comigo próprio.	.78
23. Quando tento fazer alguma coisa pela primeira vez nunca tenho certeza de que vou conseguir fazê-la bem.	.68
24. Sinto-me sempre triste com algumas coisas que me acontecem.	.63
31. De vez em quando fico muito incomodado com coisas que mais tarde vejo que não tinham importância.	.70
41. Por vezes desisto das coisas porque penso que não as vou fazer bem.	.57
52. Sinto medo se me apercebo que alguém me pode magoar.	.64
61. Sinto-me um pouco incomodado quando as pessoas me apontam as coisas que fiz mal.	.58
75. Sinto-me um pouco em baixo quando as coisas correm pior do que eu estava à espera.	.72
76. Se as pessoas de quem gosto fazem coisas sem me incluir, sinto-me um pouco posto de lado.	.62
VAL	
13. Estou a responder a estas questões de forma verdadeira.	.85
32. Toda a gente comete erros, nem que seja de vez em quando.	.83
45. Nunca conheci pessoas mais jovens que eu.	.35

Nota. WAI=Inventário de Ajustamento de Weinberger; RD=Defensividade Repressiva; DD=Negação de Aflição; VAL=Validade

Resultados

Iniciámos a investigação das propriedades psicométricas das escalas de defensividade e de validade do WAI através da análise das estatísticas descritivas dos itens (Tabela 1).

Seguidamente, examinámos por meio de CFA os diferentes modelos possíveis. O modelo de um fator também foi analisado de forma a compará-lo com os restantes modelos. Na Tabela 2 encontram-se os índices de ajustamento obtidos. O modelo de três fatores obteve um ajustamento adequado em termos dos índices, contrariamente aos restantes dois modelos.

Na Tabela 3 são reportadas as saturações do modelo de três fatores. Conforme pode ser observado as saturações estiveram acima de .30.

A Tabela 4 apresenta a matriz de correlações entre as escalas de defensividade/validade. A correlação mais forte e significativa foi entre RD e DD, enquanto que a correlação entre RD e VAL foi baixa e não-significativa.

Tabela 4. Matriz de correlações das escalas de defensividade e validade do WAI

	RD	DD	VAL
RD	1		
DD	.51***	1	
VAL	-.02	-.26***	1

Nota. WAI=Inventário de Ajustamento de Weinberger; RD=Defensividade Repressiva; DD=Negação de Aflição; VAL=Validade *** $p < .001$

Na Tabela 5 são apresentados os valores de fiabilidade (consistência interna). Os valores obtidos podem ser considerados adequados. DD apresentou a melhor fiabilidade.

Tabela 5. Fiabilidade/Consistência interna das escalas de defensividade e validade do WAI

	Alfa	Omega	MCII	ACITC
RD	.83	.84	.32	.37-.65
DD	.89	.90	.43	.53-.73
VAL	.70	.73	.44	.32-.63

Nota. WAI=Inventário de Ajustamento de Weinberger; RD=Defensividade Repressiva; DD=Negação de Aflição; VAL=Validade; MCII=Média das correlações inter-item; ACITC=Amplitude das correlações item-total corrigidas

Na Tabela 6 são apresentadas as correlações entre as escalas de defensividade/validade e as escalas de Desejabilidade Social, Contenção, Aflição e Baixo Autocontrolo.

Tabela 6. Validade convergente e discriminante das escalas de defensividade e validade do WAI

	Desejabilidade Social	WAI Contenção	WAI Aflição	Baixo Autocontrolo
RD	.42***	.53***	-.38***	-.58***
DD	.21***	.12**	-.71***	-.36***
VAL	.02	.44***	-.01	-.00

Nota. WAI=Inventário de Ajustamento de Weinberger; RD=Defensividade Repressiva; DD=Negação de Aflição; VAL=Validade *** $p \leq .001$; ** $p \leq .01$; * $p \leq .05$

Na Tabela 7 são apresentadas as correlações entre as escalas de defensividade/validade e as variáveis de gravidade de crimes auto relatados, consumo de tabaco, de cannabis e de heroína/cocaína. RD apresentou a maior correlação negativa e estaticamente com a variável gravidade de crimes praticados.

Tabela 7. Validade de critério das escalas de defensividade e validade do WAI

	Gravidade de crimes	Tabaco	Cannabis	Heroína / Cocaína
RD	-.18***	-.07	-.09*	-.06
DD	-.01	.07	.05	.08
VAL	-.07	-.09*	-.09*	-.17***

Nota. WAI=Inventário de Ajustamento de Weinberger; RD=Defensividade Repressiva; DD=Negação de Aflição; VAL=Validade *** $p \leq .001$; ** $p \leq .01$; * $p \leq .05$

A comparação entre homens e mulheres revelou que os homens pontuam significativamente mais alto nas escalas de DD ($F=8.67$, $p=.003$, $\eta_p^2=.02$, potência=.84; $M_{\text{homens}}=31.29$, $DP_{\text{homens}}=9.61$; $M_{\text{mulheres}}=28.69$, $DP_{\text{mulheres}}=9.36$), mas não na escala de RD ($F=2.62$, $p=.11$, $\eta_p^2=.01$, potência=.37; $M_{\text{homens}}=36.69$, $DP_{\text{homens}}=8.63$; $M_{\text{mulheres}}=37.93$, $DP_{\text{mulheres}}=7.98$) e na escala Val ($F=3.61$, $p=.06$, $\eta_p^2=.01$, potência=.48; $M_{\text{homens}}=13.94$, $DP_{\text{homens}}=1.90$; $M_{\text{mulheres}}=14.24$, $DP_{\text{mulheres}}=1.61$).

Discussão

O presente estudo teve por objetivo a análise das propriedades psicométricas das escalas de defensividade e de validade do WAI numa amostra de jovens adultos portugueses. A análise das estatísticas descritivas dos itens revelou maioritariamente distribuições aproximadamente normais (assimetria e curtose entre -2 e 2), com exceção dos itens da escala de validade. Tal corresponde ao que seria expectável, dado que estes itens, devido às suas características intrínsecas,

tendem a obter respostas enviesadas da maioria dos sujeitos.

Através de análise fatorial confirmatória foi possível comprovar a existência da estrutura tridimensional intercorrelacionada latente esperada das escalas DD, RD e VAL (West et al., 2012), com os itens a obterem saturações estandardizadas sempre acima de .30 conforme recomendado (Nunnally & Bernstein, 1994). Legítima-se, desta forma, do ponto de vista estrutural a utilização de cada uma destas três escalas, mas não do somatório total das três escalas.

As associações entre as escalas revelaram uma correlação positiva significativa da RD com a DD, além de correlações negativas destas com a escala de VAL (apesar de não significativa no caso da RD). Tais correlações eram esperadas dado que a defensividade é caracterizada pela tendência sistemática de evitar o processamento de qualquer tipo de informação que represente uma potencial ameaça ao sujeito, comportamento de evitação é atribuído à necessidade de aprovação social e ao desejo de causar uma boa impressão nos outros (Jamner et al., 1991; Singer, 1990).

A fiabilidade (consistência interna) avaliada através do alfa de Cronbach e do coeficiente ómega revelou valores de adequados sempre acima do valor mínimo recomendado de .70 (Hayes & Coutts, 2020; Nunnally & Bernstein, 1994), sendo que no caso das escalas de RD e de DD esteve acima de .80, que são inclusivamente mais elevados que os valores reportados em estudos prévios (e.g., Romo-González et al., 2014; Turvey & Salovey, 1994; WAI Scoring Manual, 2012). As correlações item-total corrigidas estiveram sempre acima de .30 e a média das correlações inter-item esteve sempre no intervalo de .15 a .50 de acordo com critérios recomendados (Clark & Watson, 2019).

A validade convergente com a medida de Desejabilidade Social e com a escala de Contenção do WAI revelou na generalidade as correlações positivas altas e estatisticamente significativas esperadas, enquanto que a validade discriminante com a escala de Afiliação do WAI e com a medida de Baixo Autocontrolo revelou na generalidade as correlações negativas altas e estatisticamente significativas esperadas em linha com investigações prévias (Jones, 2017; Pechorro et al., 2020; Turvey & Salovey, 1994; Weinberger & Davidson, 1994).

A validade de critério com a gravidade de crimes cometidos, consumo de tabaco, de cannabis e de heroína/cocaína revelou de uma forma geral as correlações negativas esperadas dado que estas são atividades socialmente censuráveis que os indivíduos tendem a minimizar ou a negar de forma a causar uma boa impressão e a obter aprovação social.

Por último, em termos das comparações entre homens e mulheres verificou-se a inexistência de diferenças em RD e em VAL, sendo que os homens pontuam significativamente mais alto apenas em DD, o que é consistente com estudos prévios (e.g., Chabot, 1973; Weinberger et al., 1979).

Tais resultados permitem concluir que as escalas de defensividade e de validade do WAI revelam propriedades psicométricas adequadas que justificam a sua utilização com as restantes escalas da versão portuguesa do inventário, seja na sua versão integral (Pechorro, Shircliff et al., no prelo) ou seja na versão curta (Pechorro, DeLisi et al., no prelo). No geral, o WAI pode ser considerado uma medida de personalidade útil, sendo que as suas características o tornam especialmente adequado para indivíduos que apresentem reduzida capacidade de atenção, perturbações do comportamento, fraca capacidade de leitura ou outras dificuldades a nível de educação especial. Daí a sua utilização ser frequentemente recomendada em contexto forense com jovens e com adultos (Huckaby et al., 1998; Vaughn et al., 2014).

As vantagens da utilização destas escalas do WAI são consideráveis a nível de investigação e de prática clínica e forense. Por exemplo, as escalas de RD e DD podem ser incluídas independentemente em questionários mais amplos de forma a complementar a avaliação da desejabilidade social, assim como a escala de VAL pode ser incluída independentemente em questionários mais amplos de forma a descartar protocolos inválidos.

É necessário, todavia, mencionar algumas limitações da nossa investigação. Teria sido aconselhável a utilização de outras escalas validadas de defensividade e de validade pertencentes a outros inventários que não partilhassem os mesmos itens para examinar a validade convergente. Teria também sido uma opção mais adequada utilizar, como critérios externos de defensividade e validade, variáveis

resultantes de heteroavaliação para examinar a validade de critério. Estudos futuros devem ser realizados com vista à obtenção de mais dados de natureza psicométrica (e.g., fiabilidade teste-reteste para avaliar a estabilidade temporal). Dever-se-á igualmente proceder à validação cruzada noutras amostras (e.g., amostras clínicas com diagnóstico psiquiátrico, amostras forenses com ofensores detidos), de forma a investigar se a validade e a fiabilidade se mantêm em níveis adequados e a obter dados normativos apropriados.

Referências

- Barra Almagiá, E. (2003). Influencia del estado emocional en la salud física. *Terapia Psicológica, 21*(1), 55-60.
- Baziliansky, S., & Cohen, M. (2021). Emotion regulation and psychological distress in cancer survivors: A systematic review and meta-analysis. *Stress and Health, 37*(1), 3-18. <https://doi.org/10.1007/s12529-020-09952-y>
- Bentler, P., & Wu, E. (2018). *Supplement to EQS 6.4 for Windows user's guide*. Multivariate Software Inc.
- Blagov, P. S., & Singer, J. A. (2004). Four dimensions of self-defining memories (specificity, meaning, content, and affect) and their relationships to self-restraint, distress, and repressive defensiveness. *Journal of Personality, 72*, 481-511. <https://doi.org/10.1111/j.0022-3506.2004.00270.x>
- Bond, M., Gardner, S. T., Christian, J., & Sigal, J. J. (1983). Empirical study of self-rated defense styles. *Archives of General Psychiatry, 40*, 333-338. <https://doi.org/10.1001/archpsyc.1983.01790030103013>
- Byrne, B. (2006). *Structural equation modeling with EQS: Basic concepts, applications, and programming*. Lawrence Erlbaum Associates.
- Byrne, D. (1961). The repression-sensitization scale: Rationale, reliability, and validity. *Journal of Personality, 29*, 334-349. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1961.tb01666.x>
- Canedo, C. M., Andrés, M. L., Canet-Juric, L., & Rubiales, J. (2019). Influencia de las estrategias cognitivas de regulación emocional en el bienestar subjetivo y psicológico en estudiantes universitarios. *Liberabit, 25*(1), 25-40. <https://doi.org/10.24265/liberabit.2019.v25n1.03>
- Chabot, J. A. (1973). Repression-sensitization: A critique of some neglected variables in the literature. *Psychological Bulletin, 80*, 122-129. <https://doi.org/10.1037/h0034785>
- Chen, F. F. (2007). Sensitivity of goodness of fit indexes to lack of measurement invariance. *Structural Equation Modeling, 14*, 464-504. <https://doi.org/10.1080/10705510701301834>
- Cheung, G. W., & Rensvold, R. B. (2002). Evaluating goodness-of-fit indexes for testing measurement invariance. *Structural Equation Modelling, 9*, 233-255. https://doi.org/10.1207/S15328007SEM0902_5
- Clark, L. A., & Watson, D. (2019). Constructing validity: New developments in creating objective measuring instruments. *Psychological Assessment, 31*, 1412-1427. <https://doi.org/10.1037/pas0000626>
- D'Angelo, L. L., Weinberger, D. A., & Feldman, S. S. (1995). Like father, like son? Predicting male adolescents' adjustment from parents' distress and self-restraint. *Developmental Psychology, 31*, 883-896. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.31.6.883>
- DeLisi, M., Beaver, K. M., Vaughn, M. G., Trulson, C. R., Kosloski, A. E., Drury, A. J., & Wright, J. P. (2010). Personality, gender, and self-control theory revisited: Results from a sample of institutionalized juvenile delinquents. *Applied Psychology in Criminal Justice, 6*(1), 31-46.
- Ferguson, C. (2009). An effect size primer: A guide for clinicians and researchers. *Professional Psychology: Research and Practice, 40*, 532-538. <https://doi.org/10.1037/a0015808>
- Furnham, A., Petrides, K. V., & Spencer-Bowdage, S. (2002). The effects of different types of social desirability on the identification of repressors. *Personality and Individual Differences, 33*, 119-130. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(01\)00139-8](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(01)00139-8)
- Hambleton, R., Merenda, P., & Spielberger, C. (2005). *Adapting educational and*

- psychological tests for cross-cultural assessment*. Lawrence Erlbaum Associates.
- Hayes, A., & Coutts, J. (2020). Use Omega rather than Cronbach's Alpha for estimating reliability. But... *Communication Methods and Measures*, 14(1), 1-24.
<https://doi.org/10.1080/19312458.2020.1718629>
- Huckaby, W. J., Kohler, M., Garner, E. H., & Steiner, H. (1998). A comparison between the Weinberger Adjustment Inventory and the Minnesota Multiphasic Personality Inventory with incarcerated adolescent males. *Child Psychiatry and Human Development*, 28, 273-285. <https://doi.org/10.1023/a:1022640216393>
- IBM Corp. (2021). *IBM SPSS Statistics for Windows* (version 28). Author.
- Ihlevich, D., & Gleser, G. C. (1969). An objective instrument for measuring defense mechanisms. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 33, 51-60.
<https://doi.org/10.1037/h0027381>
- Ihlevich, D., & Gleser, G. C. (1986). *Defense mechanisms: Their classification, correlates, and measurement with the Defense Mechanisms Inventory*. DMI Associates.
- Jamner, L. D., Shapiro, D., Goldstein, I. B., & Hug, R. (1991). Ambulatory blood pressure and heart rate in paramedics: Effects of cynical hostility and defensiveness. *Psychosomatic Medicine*, 53, 393-406.
<https://doi.org/10.1097/00006842-199107000-00005>
- Jones, S.E. (2017). Does choice of measure matter? Assessing the similarities and differences among self-control scales. *Journal of Criminal Justice*, 50, 78-85.
<https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2017.04.005>
- Kaplan, R., & Saccuzzo, D. (2013). *Psychological testing: Principles, applications, and issues* (8th ed.). Cengage Learning.
- Leech, N., Barrett, K., & Morgan, G. (2015). *IBM SPSS for intermediate statistics: Use and interpretation* (5th ed.). Lawrence Erlbaum Associates.
- Maroco, J. (2021). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações* (3^a Edição). ReportNumber Ltd.
- Miller, S. M. (1987). Monitoring and blunting: Validation of a questionnaire to assess styles of information seeking under threat. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 345-353.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.52.2.345>
- Moilanen, K. L. (2007). The adolescent self-regulatory inventory: The development and validation of a questionnaire of short-term and long-term self-regulation. *Journal of Youth and Adolescence*, 36, 835-848.
<https://doi.org/10.1007/s10964-006-9107-9>
- Mohiyeddini, C. (2017). Repressive coping among British college women: A potential protective factor against body image concerns, drive for thinness, and bulimia symptoms. *Body Image*, 22, 39-47.
<https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2017.04.002>
- Myers, L. B. (2010). The importance of the repressive coping style: Findings from 30 years of research. *Anxiety, Stress & Coping*, 23(1), 3-17.
<https://doi.org/10.1080/10615800903366945>
- Myers, L. B., Burns, J. W., Derakshan, N., Elfant E., Eysenck M.W., & Phipps S. (2008). Current issues in repressive coping and health. In A.J. Vingerhoets, I. Nyklíček, & J. Denollet (Eds), *Emotion Regulation*. Springer.
https://doi.org/10.1007/978-0-387-29986-0_5
- Nyklíček, I., Vingerhoets, A. J. J. M., & Van Heck, G. L. (1999). Elevated blood pressure and self-reported symptom complaints, daily hassles and defensiveness. *International Journal of Behavioral Medicine*, 6, 177-189.
https://doi.org/10.1207/s15327558ijbm0602_5
- Nunnally, J., & Bernstein, I. (1994). *Psychometric theory* (3rd ed.). McGraw-Hill.
- Paulhus, D. L., & Reid, D. B. (1991). Enhancement and denial in socially desirable responding. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, 307.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.60.2.307>
- Pechorro, P., DeLisi, M., Pacheco, C., Gonçalves, R., Maroco, J., & Quintas, J. (no prelo). Examination of Grasmick et al.'s Low Self-Control Scale and of a short version with cross-gender measurement invariance. *Crime & Delinquency*.
<https://doi.org/10.1177/00111287211073674>
- Pechorro, P., Ayala-Nunes, L., Oliveira, J.P., Nunes, C., & Gonçalves, R. (2016). Psychometric properties of the Socially

- Desirable Response Set-5 among incarcerated male and female juvenile offenders. *International Journal of Law and Psychiatry*, *49*, 17-21.
<https://doi.org/10.1016/j.ijlp.2016.05.003>
- Pechorro, P., Nunes, C., Gonçalves, R., Jesus, S., & Simões, M. (2019). A Escala de Respostas Socialmente Desejáveis-5: Validação numa amostra escolar de jovens portugueses. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica*, *52*, 15-25.
<https://doi.org/10.21865/RIDEP52.3.02>
- Pechorro, P., Pontes, C., DeLisi, M., Alberto, I., & Simões, M. (2020). Escala Breve de Autocontrolo: Validação e invariância numa amostra de jovens portugueses. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica*, *54*, 5-17.
<https://doi.org/10.21865/RIDEP54.1.01>
- Pechorro, P., DeLisi, M., Freitas, A., Gonçalves, R., & Nunes, C. (no prelo). Examination of the Weinberger Adjustment Inventory – Short Form among Portuguese young adults: Psychometrics and measurement invariance. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*.
<https://doi.org/10.1177/0306624X211066838>
- Pechorro, P., Shircliff, K., DeLisi, M., Simões, M., & Cyders, M. (no prelo). Weinberger Adjustment Inventory Portuguese version: A study of cross-cultural adaptation and measurement invariance. *International Journal of Forensic Mental Health*.
- Romo-González, T., Enríquez-Hernández, C., Hernández-Pozo, M., Ruiz-Montalvo, M., Castillo, R., Ehrenzweig, Y., Marván, M.L., & Larralde, C. (2014). Validation of the Mexican version of the Weinberger Adjustment Inventory (WAI). *Salud Mental*, *37*, 241-246.
<https://doi.org/10.17711/SM.0185-3325.2014.029>
- Sackeim, H. A., & Gur, R. C. (1979). Self-deception, other-deception, and self-reported psychopathology. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *47*(1), 213-215.
<https://doi.org/10.1037/0022-006X.47.1.213>
- Saeedi, Z., Ghorbani, N., & Sarafraz, M. (2016). Short form of Weinberger adjustment inventory (WAI): Psychometric properties and confirmatory factor analysis of the Persian version. *Journal of Psychological Science*, *15*(59), 335-347.
- Saeedi, Z., Ghorbani, N., Sarafraz, M. R., & Shoar, T. K. (2020). A bias of self-reports among repressors: Examining the evidence for the validity of self-relevant and health-relevant personal reports. *International Journal of Psychology*, *55*(1), 76-82.
<https://doi.org/10.1002/ijop.12560>
- Segal, D., Coolidge, F., & Mizuno, H. (2007). Defense mechanism differences between younger and older adults: A cross-sectional investigation. *Aging & Mental Health*, *11*, 415-422.
<https://doi.org/10.1080/13607860600963588>
- Sherman, D. K., & Cohen, G. L. (2002). Accepting threatening information: Self-affirmation and the reduction of defensive biases. *Current Directions in Psychological Science*, *11*, 119-123.
<https://doi.org/10.1111/1467-8721.00182>
- Singer, J. S. (Ed.). (1990). *Repression and dissociation: Implications for personality theory, psychopathology, and health*. University of Chicago Press.
- Turvey, C., & Salovey, P. (1994). Measures of repression: Converging on the same construct? *Imagination, Cognition and Personality*, *13*, 279-289.
<https://doi.org/10.2190/81FK-MLCG-NEE6-KGE0>
- Vaughn, M. G., DeLisi, M., Gunter, T., Fu, Q., Beaver, K. M., Perron, B. E., & Howard, M. O. (2011). The severe 5%: A latent class analysis of the externalizing behavior spectrum in the United States. *Journal of Criminal Justice*, *39*(1), 75-80.
<https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2010.12.001>
- Vaughn, M. G., Salas-Wright, C. P., DeLisi, M., & Perron, B. (2014). Correlates of traumatic brain injury among juvenile offenders: A multi-site study. *Criminal Behaviour and Mental Health*, *24*, 188-203.
<https://doi.org/10.1002/cbm.1900>
- Weinberger, D. (1991). *Social-emotional adjustment in older children and adults: Psychometric properties of the Weinberger Adjustment Inventory*. Unpublished manuscript. Case Western Reserve University.
- Weinberger, D. A. (1995). The construct validity of the repressive coping style. In: JL Singer (ed.). *Repression and dissociation: Implications for*

- personality theory, psychopathology, and health* (pp.337-386). University of Chicago Press.
- Weinberger, D. A. (1997). Distress and self-restraint as measures of adjustment across the life span: Confirmatory factor analyses in clinical and nonclinical samples. *Psychological Assessment, 9*, 132-135. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.9.2.132>
- Weinberger, D. A. (1998). Defenses, personality structure, and development: Integrating psychodynamic theory into a typological approach to personality. *Journal of Personality, 66*, 1061-1080. <https://doi.org/10.1111/1467-6494.00042>
- Weinberger, D. A., & Schwartz, G. E. (1990). Distress and restraint as superordinate dimensions of self-reported adjustment: A typological perspective. *Journal of Personality, 58*, 381-417. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1990.tb00235.x>
- Weinberger, D. A., & Davidson, M. (1994). Styles of inhibiting emotional expression: Distinguishing repressive coping from impression management. *Journal of Personality, 62*, 587-613. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1994.tb00310.x>
- Weinberger, D. A., Schwartz, G., & Davidson, R. (1979). Low-anxious, high-anxious, and repressive coping styles: Psychometric patterns and behavioral and physiological responses to stress. *Journal of Abnormal Psychology, 88*, 369-380. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.88.4.369>
- WAI Scoring Manual (2012). Selfdefiningmemories. Retrieved September 2021 from http://www.selfdefiningmemories.com/WAI_Scoring_Manual.pdf
- West, S., Taylor, A., & Wu, W. (2012). Model fit and model selection in structural equation modeling. In R. Hoyle (Ed.), *Handbook of structural equation modeling* (pp. 209-231). The Guilford Press.